

A Falerística

José Vicente de Bragança

I – A Falerística Como Ciência

1. Introdução

Tradicionalmente, o estudo das condecorações fazia parte da *Numismática*, ciência autônoma que possuía por objectivo o estudo das moedas e das medalhas. Porém, o desenvolvimento dessa ciência e o incremento dos estudos especializados das várias espécies metálicas que a mesma abarcava levaram a que viessem a ganhar autonomia várias áreas de estudo, criando-se disciplinas independentes. Deste modo, surgiram, entre outras, primeiro a *Medalhística* e posteriormente a *Falerística*.

A Medalhística tem como objeto de estudo as “medalhas”, expressão que, tendo vários sentidos, importa esclarecer, para não as confundir com as homónimas que, pela sua função, são distinções honoríficas que se enquadram no conceito mais lato de condecoração. Assim, a “**medalha**”, objeto de estudo da Medalhística, seria uma «*Pieza metálica ostensible sin valor fiduciario, acuñada con algún emblema*» [Arista Salado : 2005].

A Falerística, por seu turno, desenvolveu-se e pretendeu autonomizar-se da ciência-mãe, muito por influência da escola germânica ou a ela ligada, como a checoslovaca e a húngara. E, como nos relata o autor húngaro Attila Pandula, o termo “Phaleristik” terá sido cunhado pelo Dr. Kristian Turnwald e por Oldřich Plic, em 1936, derivando do termo latino “phalerae” [Pandula : 1990, 16].

Essas eram uma das distinções – *dona militari* – [Oliveira : 2014; László : 1993] sob a forma de discos metálicos, por vezes esculpidos, de ouro, prata ou bronze, concedidas em Roma para recompensar e honrar a bravura dos militares ou, coletivamente, as Legiões ou as suas subunidades, e usadas, designadamente, sobre as couraças, em paradas militares [Borné : 1985, 5-6].

2. Definição de Conceitos – Condecorações

Numa primeira abordagem, a Falerística poderá ser definida como a ciência que se dedica ao estudo, classificação e inventário das condecorações, em sentido lato, embora o termo ainda não seja universalmente aceite e não conste sequer da maioria dos dicionários, como veremos adiante.

Mas então o que se deve entender por condecoração?

O termo deriva do verbo “condecorar”, que, por sua vez, provém do latim “condecorare” (decorar com adornos), sendo usado em múltiplas acepções, que importará distinguir [Coutinho : 1967, 1262,1263; Ducourtial :1968, 5-7; Borné : 1985, 12].

Numa primeira acepção, a palavra é usada como sinónimo de distinção honorífica conferida, geralmente, por órgãos de um Estado soberano ou por instituições a quem o direito interno e/ou internacional reconhece competência para o efeito, em recompensa de serviços ou méritos individuais ou coletivos. Nessa acepção do termo condecoração, existem, a par das ordens honoríficas ou de cavalaria, várias medalhas oficiais, quer militares quer civis, bem como os distintivos de mérito.

Numa segunda acepção, o termo é frequentemente usado como sinónimo de insígnia ou medalha – que são os símbolos distintivos que significam pertença a uma ordem ou corporação, ou a outra qualquer agremiação que confira distinções assim simbolizadas ou a posse de uma dada distinção (p. ex. as medalhas militares). No caso das ordens honoríficas ou de mérito, das ordens de cavalaria e das medalhas militares ou civis, as insígnias são o sinal externo que individualiza a distinção honorífica e, dentro destas, no caso das ordens, os respectivos graus e/ou classes.

E, por fim, numa terceira acepção, o termo condecoração significa o acto de condecorar ou a cerimónia de entrega de uma insígnia ou medalha, correspondente a um agradecimento, que pode ser um acto solene ou informal, conforme a natureza da condecoração (usado aqui o termo na primeira das apontadas acepções).

Para a Falerística, a **condecoração** poderá, pois, ser definida, em sentido amplo, como qualquer *peça portátil, em princípio metálica, que simboliza determinadas honras ou preeminências inerentes a uma distinção honorífica*.

No entanto, houve sobretudo no passado, distinções honoríficas que assumiram formas não metálicas, designadamente, placas bordadas de ordens de cavalaria e de mérito predominantes até à segunda década do séc. XIX ou, simples distintivos bordados de que é exemplo a *Granada do Rossilhão* [Oliveira : 2005].

Também no âmbito da Falerística podem-se incluir outras categorias de peças não consideradas como condecorações *stricto sensu*. É o caso, por exemplo, das insígnias de função, desde que de natureza metálica. Veja-se os colares usados pelos Juizes Conselheiros do Supremo Tribunal de Justiça, do Tribunal Constitucional, pelo Procurador-Geral da República, por Presidentes de Câmaras Municipais e por Bastonários das Ordens.

Também se enquadram nesta categoria as insígnias que certas instituições – culturais, científicas, académicas, religiosas ou profissionais – conferem aos seus membros ou, como distinção honorífica a não membros, e ainda as distinções de mérito.

Os pioneiros na adopção do termo em Portugal foram Humberto Nuno de Oliveira e Paulo Jorge Estrela. Com efeito, o primeiro dos referidos autores, referindo-se ao âmbito da Falerística, definiu-a como sendo a ciência que estuda «...os sinais de distinção portáteis, visíveis e de reconhecimento... Fora da Falerística, ficam então as insígnias e distinções não portáteis e todas aquelas que, ainda que portáteis (como por exemplo armas de honra) se situam para lá do seu âmbito» [Oliveira 2005].

3. O Objeto da Falerística

Retomando a problemática do objecto da Falerística e do seu estatuto no âmbito das ciências auxiliares da História, e até da sua própria designação, temos, porém, de reconhecer que o assunto não é pacífico.

Para os mais conservadores, a Falerística não passaria de um ramo do saber incluído na Numismática, de uma subdisciplina da Medalhística, ou, quando muito, de uma ciência autónoma dentro daquela ciência, ao pretender limitá-la ao estudo das peças metálicas que não sejam moedas.

Nesta linha de pensamento, o Vexilologista argentino Gustavo Tracchia Piedrabuena, por exemplo, escrevendo sobre as relações entre essa ciência e a Falerística, perfilha uma ideia em voga, sobretudo nos países de raiz anglo-saxónica, afirmando: «*La Falerística no puede ser aún calificada dentro de un simple ámbito de estudio, como en el caso de la Heráldica y Vexilología, cuyos cánones están completamente definidos. En el particular caso de la Vexilología, durante los pasados 50 años, se ha desarrollado y reconocida como una disciplina organizada sobre el estudio sistemático y científico de banderas y afines. La Falerística, no obstante, está aún en una constante lucha para definir su alcance y profundidad. Asimismo, las publicaciones al respecto son limitadas. Muchos ubican a la Falerística dentro de una de las ramas de la Numismática. Otros dentro del Derecho Honorífico*». Porém, termina, considerando a Falerística «... *como un estudio que ha sido tal vez descuidado, aunque sin embargo, una importante fuente de investigación en el ámbito de la Heráldica, de la Vexilología y también de la Genealogía*» [Tracchia Piedrabuena : 2008].

Referindo-se ao estudo das ordens, Antii Matikkala não deixa de reconhecer que «*Efforts have also been made to establish a specific branch of historical scholarship termed ‘phaleristics’, meaning the wider study of not only the orders, but also decorations, medals and so forth. Although considered ‘an awkward word’ by some, it has however, gained some ground*» [Matikkala : 2008, 16]. Sublinha que autores anglo-saxónicos como Alec A. Purves e Dermot Morrah contestam a generalização do termo “Falerística” como englobando o estudo das ordens de cavalaria ou de mérito. Com efeito, criticando a adopção do termo, Alec A. Purves, sustenta que o mesmo «*is certainly not used in Britain. One must admit that it is convenient to have a single word to express what must otherwise be described in several, but it is great pity that a more euphonious name could not have been contrived, rather than one which is both ugly and liable to unfortunate misunderstanding*» [Měřička : 1976, 9]. Por seu turno, Dermot Morrah – Heraldo Extraordinário Arundel, sublinha que «*To this idea of ‘decoration’ the original idea of «order» stands in diametrical contrast*» [Měřička : 1967, 5-6].

No fundo estes autores defendem que, derivando o mesmo do Latim “Phalerae” – uma distinção dada em Roma aos legionários que se distinguiam na guerra e que revestia a forma de um medalhão ou disco, como acima se disse –, e que não tendo este termo nada ou pouco a ver com as ordens militares fundadas na Alta Idade Média ou com as ordens de cavalaria seculares, estando, pelo contrário, mais relacionado com as medalhas militares e outras condecorações surgidas no final do século XVIII e no

dealbar do século XIX, será de excluir da Falerística o estudo das ordens e das suas insígnias [Purves : 1976, 6].

No entanto, esta posição não é consensual, mesmo no Reino Unido, já que outro eminente falerista britânico, A. M. MacFarlane, defendeu claramente a adoção do termo “Falerística” para o estudo e colecionismo de medalhas e condecorações [Macfarlane : 1981, 86-87].

Não deixando de ser verdadeira a asserção, não vemos, porém, razões válidas para excluir o estudo das insígnias das ordens de cavalaria ou de mérito do âmbito da Falerística, à falta de melhor termo, parecendo-nos esta discussão de certo modo estéril. Não possuíam as ordens de cavalaria seculares o propósito, expresso ou oculto, de “condecorar” ou, pelo menos, reconhecer serviços prestados com o inerente uso de insígnias?

Outro grupo de autores considera, por seu turno, que a Falerística se deverá restringir ao estudo das insígnias das condecorações ou distinções honoríficas, numa perspectiva mais próxima da Numismática, em que a História teria um lugar assaz reduzido. É o caso de Alexander J. László, autor aclamado de um *Glossário de Falerística*. De acordo com essa corrente, na Falerística o primordial seria a descrição e a classificação das peças, de acordo com a época de fabrico, metais e esmaltes, formato, legendas, inscrições, peso, medidas, espessuras, modos de suspensão e respectivas fitas, incluindo o estudo de variantes e tipos e dos fabricantes.

Nesse grupo inclui-se um número apreciável dos amadores de Falerística que tende, pois, a valorizar sobremaneira a vertente colecionista e a metodologia herdada da Numismática, atribuindo pouca ou nenhuma importância à contextualização histórica, à história social e, até, à simbologia.

Finalmente, para um terceiro grupo, a Falerística deverá incluir no seu objecto de estudo não só todas as peças, em princípio metálicas, consideradas como “condecorações”, no sentido amplo do termo, como também tudo o que com elas se relaciona, tais como diplomas e outros documentos, designadamente iconografia, fotografias, textos legais e fontes primárias, bem como a sua contextualização, sob pena de continuar reduzida a um ramo ou subdisciplina da Numismática, como sucedeu na origem e, como alguns ainda pretendem.

Mas, para que tal suceda, é imperioso que na Falerística se adoptem e generalizem pontos de partida metodológicos inovadores, designadamente na perspectiva da história da cultura, não resumindo o seu objecto ao estudo da origem, descrição e catalogação de condecorações, seus tipos e variantes ou à elaboração de listas de condecorados, com ou sem dados biográficos.

Ou seja, no futuro epistemológico da Falerística, dever-se-á prever a sua evolução enquanto disciplina em si e articular a sua relação, não só com a Numismática, mas com as outras ciências sociais e, em particular, com as restantes ciências auxiliares da História. Na verdade, o estudo das condecorações não é exclusivo da Falerística, podendo o tema ser abordado sob outras perspectivas, no âmbito de ciências afins, como a Heráldica e a Vexilologia, de que é exemplo o estudo acima citado.

4. Propagação do Termo

O termo tem vindo a ganhar adeptos, designadamente em França, onde vários autores utilizam o termo Falerística. Disso é exemplo o conceituado autor Maître André Damien, que sustenta que a *Falerística* « *pourrait être utilisé pour désigner une science nouvelle qui est l'étude, au cours des âges et à travers les différentes régions, des marques de récompense portées publiquement sur le vêtement de celui qui en est le bénéficiaire*» [Damien : 1991].

Ou Pierre Rousseau que, no prefácio do seu livro dedicado às *Ordres et Decorations de L'empire Cherifien*, afirma « *S'il existe plusieurs traités de numismatique chérifienne, aucune étude de phaléristique chérifienne n'a jamais été réalisée jusqu'à présent*» [Rousseau : 2005]. Essa obra valeu aliás ao autor a concessão, em 2006, do Prémio de Falerística – *Prix du "Bailli comte Josserand de Saint-Priest d'Urgel"*, pela Académie des Sciences Morales et Politiques, do Instituto de França.

A *Société d'histoire des Ordres et Décorations*, apadrinhada pelo Institut Napoléon, e que tem por fins «... *de promouvoir, sous l'angle scientifique, l'histoire des ordres et décorations en France et à l'étranger par la recherche, le traitement et le commentaire de sources, la mise en relation de centres documentaires et scientifiques existants et la publication d'une revue et d'ouvrages spécialisés*», publica, desde 2000, uma revista designada *La phalère: Revue européenne d'histoire des ordres et décorations*.

Também, a *Société des Amis du Musée de la Légion d'honneur* publica um Boletim que « *... propose des articles sur différents aspects de la phaléristique, sur la vie du musée, ainsi que les comptes rendus des assemblées générales* ». E, aderindo aos *Encontros Europeus de Associações de Falerística*, que se têm vindo a realizar anualmente desde 2005, organizou inclusivamente o *VII Encontro*, que teve lugar em Paris, em 2014, bem como o *XIV Encontro*, em 2021, tendo enviado delegações a todos os *Encontros* organizados em Londres, Dresden, Tallinn, Estocolmo e Viena.

Nos catálogos das bases de dados do portal *Joconde*, o termo “Falerística” é definido como sendo o « *Étude des ordres, décorations, médailles et insignes de distinction remis à une personne physique ou morale en récompense d'un mérite ou d'un service*».

De referir também que, em 2009, teve lugar em Praga, durante a Presidência do Conselho da União Europeia pela República Checa, uma grande exposição, denominada *The Beauty of European Phaleristics – European Union Member States and their Orders*.

Em Portugal, após a fundação da Academia Falerística de Portugal em 2008, o termo tem vindo a concitar adeptos, de que é exemplo a alteração da designação da Secção de Genealogia e Heráldica da prestigiada *Sociedade de Geografia de Lisboa* para *Secção de Genealogia, Heráldica e Falerística*, a qual tem vindo a promover várias actividades relacionadas com a Falerística, designadamente os Seminários de Falerística.

Também mais recentemente, graças ao esforço de divulgação promovido pela Academia Falerística de Portugal, o Museu de Angra do Heroísmo adoptou o termo

“Falerística” para a sua colecção de condecorações. E o diploma que aprova a orgânica do Exército (Decreto Regulamentar n.º 11/2015, de 31 de julho), no n.º 2, do artigo 12.º inclui entre as competências atribuídas à Direção de História e Cultura Militar:

«a) Exercer a autoridade funcional e técnica no âmbito da heráldica, vexilologia, falerística, uniformologia, biblioteconomia, museologia, arquivística, administração e controlo do património histórico-militar móvel e imaterial; e

b) Realizar estudos e difundir normas e regulamentos relativos à heráldica, vexilologia, falerística e uniformologia».

5. A Emblemática

Em abordagem inovadora, o autor cubano Maikel Arista-Salado, já citado, chamou recentemente a atenção para o facto de o estudo das condecorações ter alcançado, no seu desenvolvimento, três dimensões: uma antropológica, outra jurídica e, finalmente, a simbólica, considerando que é nessa última que se filia a Falerística. Daí alguns autores enquadrarem o estudo das insígnias, medalhas e condecorações em geral naquilo a que preferem chamar a *Emblemática*.

No entanto, tal filiação não se nos afigura inteiramente feliz já que a Emblemática é um termo genérico estreitamente associado à renovação dos estudos de Heráldica e a elementos semiológicos identitários – signos – como são os emblemas proto heráldicos, as divisas e a emblemática religiosa ou devocional.

O termo terá obtido consagração no decurso do *I Congresso Internacional de Emblemática*, celebrado em Zaragoza, em dezembro de 1999 [Actas : 2004].

Deve-se a Szabolcs de Vajay – o eminente heraldista e genealogista, de origem húngara – a definição do âmbito dessa nova ciência, nas conclusões do congresso, baseando-se no facto das tradicionalmente consideradas como ciências auxiliares da História – a Genealogia, a Heráldica e a Sigilografia – constituírem «...*uma vastíssima gama de saberes e de conhecimentos relativos ao diversificado mundo das relações entre estrutura e símbolos. Fenómeno cujo estudo conjunto não tinha encontrado ainda uma denominação própria e que hoje já tem: a Emblemática*». Segundo Szabolcs de Vajay, «*perfilou-se assim um novo sector científico global. Já não se trata de algo auxiliar da História, mas de ciências de apoio à História, a irmã mais velha na perspectiva de globalização do estudo dos comportamentos. Ao trio clássico já referido agregaram-se vários outros temas de investigação, até ora separados, e até menosprezados: vexilologia, onomástica, falerística, cerimonial, braquigrafia e outros. Vinculados em maior ou menor grau à semiologia – a percepção directa por impressão sem necessidade de palavras – e com uma mais ampla perspectiva baptizada em Zaragoza com um nome mais globalizante: a Emblemática*» [Vajay : 2000].

No entanto, mesmo em Espanha, o termo está longe de ser unívoco, já que, por exemplo, a revista *Imago*, editada pela *Sociedad Española de Emblemática*, com o patrocínio da Universidade de Valência, é definida como «... *un espacio editorial de ámbito internacional como exponente del estudio de la Emblemática y de la Cultura visual. Atiende, especialmente, a aquellas manifestaciones de la Edad Moderna*

fundadas en la retórica verbo-visual, las cuales constituyen una fuente para la Historia de la Cultura» [<http://ojs.uv.es/index.php/IMAGO>].

O seu VIII Congresso, realizado em setembro de 2011, na Universidade Complutense de Madrid, teve por tema «Palabras, símbolos, emblemas. Las estructuras gráficas de la representación». E mais recentemente, em setembro de 2013, o IX Congresso, em Málaga, teve por tema «Confluencia de la imagen y la palabra. Emblemática y artificio retórico».

Mas, mesmo aceitando a Emblemática como ciência, que englobaria as tradicionalmente consideradas como ciências auxiliares da História, estas não perdem a sua autonomia enquanto ramos do saber. Daí que confundir ou diluir a Falerística na Emblemática nos pareça cientificamente inapropriado.

O aparecimento entre nós, cremos que em data recente, de uma *Sociedade Portuguesa de Emblemática*, que na sua presença na Internet “mistura” Falerística, Heráldica, Vexilologia e Ex-librística, adensa, ainda mais, as nossas dúvidas quanto ao termo.

6. Direito Premial

Oportuno se afigura, igualmente, mencionar a relação entre a Falerística e o chamado *Direito Premial*, conceito caro a alguns autores espanhóis e latino-americanos, mormente ao Coronel Doutor Fernando García-Mercadal, e que tem por objeto o *estudo do acto jurídico que envolve a concessão de condecorações e os seus efeitos* [García-Mercadal : 2010]. Porém, para o autor citado, enquanto o Direito Premial estaria «... preocupado por el acto de concesión de honores y sus efectos jurídicos», a Falerística seria caracterizada como termo «... que hace referencia al coleccionismo de las insignias y preseas en que se materializan las condecoraciones, así como a su clasificación e inventario», mais uma vez reduzindo a Falerística a uma subdisciplina da Numismática [García-Mercadal : 2013].

Pelo contrário, a conceção que defendemos tem vindo a ganhar adeptos em Espanha, de que é exemplo o Doutor Daniel Jesús García Riol, que em recente entrevista afirmou:

«La Falerística se ocupa del análisis, descripción y estudio de las medallas, órdenes y condecoraciones; entendidas éstas desde una perspectiva histórica, estética, material y personal. Ahonda en el apasionante mundo de los honores y recompensas que, desde la más remota antigüedad, han servido para singularizar a aquellas personas que se han hecho acreedoras del reconocimiento general expresado en una pieza física que, por sí misma, era capaz de emanar un prestigio social indiscutible» [García Riol : 2012, 66].

Também disso é exemplo o conceituado falerista David Ramírez Jiménez, com o seu excelente blogue – *Falerística: los Símbolos de Nuestra Historia* [<https://faleristica.wordpress.com/>].

7. Os Faleristas

Os cultores da Falerística apelidam-se de faleristas e incluem desde os colecionadores, antiquários e comerciantes aos investigadores que usam as condecorações como fonte ou objeto de estudo.

O grupo porventura mais numeroso é o dos colecionadores, para quem a Falerística é, acima de tudo, um *hobby*, envolvendo idealmente a busca, aquisição, organização, catalogação, exposição, armazenamento e manutenção das peças adquiridas. Existem, contudo, vários tipos de colecionadores, desde aqueles a quem poderemos chamar de generalistas aos que se concentram num país, tipo de condecoração ou período específico.

Entre os colecionadores há também os que prosseguem objetivos previamente traçados, combinando o colecionismo com a pesquisa e o estudo das peças, e o seu enquadramento histórico, bem como a obtenção e estudo de documentação pertinente, p. ex. alvarás ou diplomas de concessão, iconografia, listas de condecorados, textos legais, caixas e estojos. São os que se podem considerar como estudiosos amadores e que constituem um dos pilares do desenvolvimento e evolução da Falerística, como ciência autónoma da Numismática.

Mas há igualmente os que, sem esse rigor, apenas procuram obter peças para incrementar ou melhorar a sua coleção sem, porém, descurarem a obtenção do mínimo de informação de base e a metodologia própria do colecionismo.

Ou seja, pode-se ser colecionador sem ter grande interesse na Falerística como ciência ou ser-se falerista sem ser um ávido colecionador, ou ainda ser-se, simultaneamente, um colecionador e um cultor da Falerística.

Os antiquários e comerciantes são os que se dedicam à compra e venda de peças ou de coleções objeto de estudo da Falerística e, por vezes, à sua autenticação. Entre estes, há também verdadeiros faleristas cuja longa e diversificada experiência é amiúde aproveitada por casas leiloeiras, historiadores de arte e conservadores de museus para identificação e/ou avaliação de peças.

A última categoria é a dos estudiosos e investigadores, quer como académicos, quer como amadores, cujo interesse e objetivo primordial é a aquisição ou aprofundamento do conhecimento sobre peças que constituem o objeto de estudo da Falerística, seus vários tipos, origem, enquadramento legal, sistemas de concessão, modelos, tipos e variantes de insígnias, de medalhas ou de condecorações, fabricantes, agraciados e condecorados, e o seu enquadramento e contextualização históricos. Para tal, seguindo métodos científicos, procuram investigar com recurso a fontes e ao exame de coleções, públicas ou privadas. É porventura o tipo mais raro entre os cultores da Falerística.

Na verdade, os estudos académicos sobre Falerística não têm despertado o interesse dos investigadores, mesmo historiadores, à semelhança, aliás, do que ocorreu até recentemente com o estudo da História das Ordens Militares ou de Cavalaria, embora

nesse último caso tenham, nos últimos decênios, começado a surgir teses universitárias de grande erudição, sobretudo relativas à Idade Média.

Os estudos amadores de qualidade abundam, sobretudo na Europa do Norte e Central, sob influência da escola germânica, quer em monografias temáticas, quer em estudos de carácter geral. No Reino Unido, nos EUA e em países da Commonwealth, onde existem muitos colecionadores e cultores daquilo que apelidamos de Falerística, bem como copiosa bibliografia temática, predominam, porém, os que reduzem essa ciência ao estudo sobretudo das medalhas e condecorações, utilizando a metodologia própria da Numismática, na qual a história praticamente não ocupa lugar.

8. Conclusão

Pretender, pois, reduzir a Falerística ao estudo e classificação das condecorações, enquanto espécies metálicas, não só é redutor como implica um recuo nas tentativas que têm sido feitas, sobretudo pelas escolas alemã, austríaca, húngara, eslovaca e checa, para autonomizar a Falerística enquanto ciência.

A Falerística deve assentar, portanto, em nosso entender, numa metodologia científica de pesquisa, designadamente histórica, com definição clara de objetivos e o recurso sistemático a fontes documentais, sob vários suportes, desde o iconográfico (desenhos, pinturas, gravuras, mapas, esculturas) e o escrito (livros, cartas, diários, publicações periódicas, memórias, diplomas) até ao monumental (monumentos).

Contudo, importa reconhecer que, tal como na Numismática, a Falerística tem sido impulsionada mais pelo interesse dos colecionadores em identificarem, catalogarem, classificarem e avaliarem as peças das suas coleções do que pelos historiadores e outros investigadores.

E isto mesmo sabendo que o conhecimento da Falerística pode constituir um valioso contributo para a identificação e/ou datação de peças, designadamente iconográficas.

Bibliografia

Actas do I Congresso Internacional de Emblemática, 3 vols., Zaragoza, 2004

ARISTA SALADO Y HERNÁNDEZ, Maikel. *Condecoraciones cubanas: Teoría e Historia*, Trafford Publishing, 2010.

ARISTA SALADO Y HERNÁNDEZ, Maikel. *Estudio mínimo de Falerística cubana y otras piezas ostensibles, y Aproximaciones al Derecho Honorífico cubano*. Inéditos. 2005

BORNÉ, André C. *Distinctions honorifiques de la Belgique, 1830–1985*, Bruxelles, Creadif, 1985.

COUTINHO, Luís d'Orey Pereira. verbete «Condecoração», in *Enciclopédia Luso-Brasileira da Cultura*, Vol. V, Lisboa, Verbo Editora, 1967, pp. 1262 – 1263.

DAMIEN, André, *Le grand livre des Ordres de Chevalerie et des Décorations*, Solar, 1991, e Postfácio, in «Un demi-siècle en honneur des «Arts et des Lettres », (Mollier, Pierre dir.), Société d'histoire des ordres et décorations, Paris, 2009, p. 85.

DUCOURTIAL, Claude. *Ordres et Décorations*, 2.^a ed., PUF, Paris, 1968

ESTRELA, Paulo Jorge. “Medalha da CVP – prémio por serviços distintos na guerra e na paz”, Lisboa, Universidade Lusíada – Sep. revista *Lusíada – História*, II serie, # 2 (2005).

GARCÍA-MERCADAL Y GARCÍA LOYGORRI, Doutor Fernando. “Penas, Distinciones y Recompensas: Nuevas Reflexiones en Torno al Derecho Premial”, in *Emblemata: Revista Aragonesa de Emblemática*, Zaragoza, Institución «Fernando el Católico», n.º 16, (2010), pp. 205-235

GARCÍA-MERCADAL Y GARCÍA LOYGORRI. “Incentivos honoríficos y sociedad democrática: reflexiones en torno al llamado Derecho Premial”. Conferência proferida na Real Academia de Jurisprudencia y Legislación, a 31 de janeiro de 2013 (<http://ramhg.es/index.php/the-news/noticias-de-la-academia/330-conferencia-del-coronel-fernando-garcia-mercadal-sobre-el-derecho-premial>).

GARCÍA-MERCADAL Y GARCÍA LOYGORRI, Doutor Fernando & CEBALLOS-ESCALERA, Alfonso de (Marques de La Floresta). *Las Órdenes y Condecoraciones del Reino de España*, 2^a ed., Madrid, BOE // CEPC, 2003, pp. 25-48

GARCÍA RIOL, Doutor Daniel Jesús. “Entrevista”. In *Revista Historia Rei Militaris*, nº 2, octubre 2012, pp. 65-69.

LÁSZLO, Alexander J. *A Glossary of Terms Used in Phaleristics: The Science, Study, and Collecting of Insignia of Orders, and Medals*, Albuquerque, 1995.

MACFARLANE, A. M. “Down with Numismatica! A New Name for our Hobby”, in *Journal of the Orders and Medals Research Society*, 2 (1981), pp. 86-87.

MATIKKALA, Antti. *The Orders of Knighthood and the Formation of the British Honours System (1660-1760)*, London, Woodbridge, The Boydell Press, 2008.

MĚŘIČKA, Václav. *Orders and Decorations* (Dermot Morrah, ed.), Paul Hamlyn, 1967; *The Book of Orders and Decorations*, (Alec. A. Purves, ed.), London, Paul Hamlyn Ltd., 1976

MĚŘIČKA, Václav et alli. “Pro & Contra. Phaleristik”, in *INFO – Interessante Nachrichten für Ordenskundler, Mitteilungen vom Freundes und Förderkreis Deutsches Ordensmuseum (FDOM), e.V.*, Munchen, 10 (1980), p. 16

OLIVEIRA, Humberto Nuno de. “A campanha do Rossilhão nos alvores da falerística militar portuguesa”, in *Actas do XV Colóquio de História Militar – «Portugal Militar nos Séculos XVII e XVIII até às Vésperas das Invasões Francesas»*, [2005], vol. 2, sep., Lisboa, Comissão Portuguesa de História Militar, 2005, pp. 675-689.

OLIVEIRA, Humberto Nuno de. “Os Conceitos de Guerra e Vitória em Roma”.
Lusíada-História, série II, nº 2, 2014, p. 13-45

PANDULA, Attila. “Falerisztika. Phaleristik”, in SZERKESZTETTE, Kállay István. *A történelem segédtudományai*, Budapest, 1986, pp. 194-215.

PANDULA, Attila. *Orden und Auszeichnungen*, 1990.

PANDULA, Attila. “Orden un Auszeichnungen – Besondere Spiegelbilder der Geschichte, in Das Erste und Zweite Gunzenhäuser Phaleristik” – *Symposium, Offenbach*, 1997, Konstanzer Phaleristische Studien, vol. 1, pp. 16-21.

PURVES, Alec A. “Phaleristics? Ugh!”, in *Journal of the Orders and Medals Research Society*, 1 (1976), p. 6.

ROUSSEAU, Pierre. *Ordres et Decorations de L'empire Cherifien. Au Temps Du Protectorat Français Au Maroc 1912 – 1956*, Versailles, Mémoires et Documents, 2005.

TRACCHIA PIEDRABUENA, Gustavo. “Las Medallas, Condecoraciones y Banderas”, in *Revista Trastámara*, nº 1 (enero-junio 2008).

VAJAY Szabolcs de. “Consideraciones sobre una nueva ciência: La Emblemática”, *Boletín de la Real Academia Matritense de Heráldica y Genealogía*, 34, (2000), pp. 16-17.